



“Que o povo de porto alegre, especialmente as classes trabalhadoras”, saiba, proteste e se manifeste: o caso Sacco e Vanzetti¹

Eduardo da Silva Soares* e Glaucia Vieira Ramos Konrad

¹Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Av. Roraima, 1000, 97105-900, Prédio 74-A, Sala 104, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: eduardosoares@rocketmail.com

RESUMO. A execução da dupla italiana anarquista Sacco e Vanzetti agitou a imprensa internacional, tanto a operária como a não operária. O que importou foi relatar o que acontecia, e aqui, os periódicos operários distanciaram-se dos demais, pois pontuaram e criaram relações pedagógicas com o fato. Esses grupos de trabalhadores organizadores não se limitaram a publicar, mas a articular manifestações solidárias a Sacco e Vanzetti. Assim, surgiram comícios e um Comitê Pró-Sacco e Vanzetti em Porto Alegre, como também muitas páginas com escritos a respeito da condenação. Neste artigo, procurou-se verificar os espaços utilizados nas manifestações em defesa dos anarquistas, como também identificar os principais oradores desses eventos. Além do que, considerou-se oportuno vislumbrar os posicionamentos dos jornais, tal como cruzar os lugares onde ocorreram os comícios com os citados pelos jornais e as eventuais práticas desses grupos. A metodologia utilizada cobriu os jornais de forma qualitativa, tentando destacar as características mais peculiares e gerais por eles apresentados. Foram problematizados os eventos que ocorreram no Brasil de forma geral, e em Porto Alegre de forma específica, a partir da visão da ‘cultura associativa’, que estuda as manifestações a partir dessas relações com as sociedades operárias.

Palavras-chave: comitê pró-Sacco e Vanzetti, movimento operário, associativismo porto-alegrense.

“May porto alegre’s people, especially the working class”, learn, protest and manifest: the Sacco and Vanzetti case

ABSTRACT. The execution of the Italian anarchist duo Sacco and Vanzetti shook the international press, the latter being both related to the working class or not. What mattered was to report what was happening, and here workers’ journals distanced themselves from others because the former identified and created pedagogical relations with the fact. These groups of organizer workers were not limited to publishing, but also articulated solidarity manifestations to Sacco and Vanzetti. Thus, rallies and a Pro Sacco and Vanzetti Committee emerged in Porto Alegre, as well as many pages written about their conviction. This article attempted to analyze spaces used in demonstrations in defense of the anarchists, as well as to identify key speakers of such events. In addition, it was deemed worth considering where newspapers stood on the matter, in addition to matching the places where the rallies took place with the ones cited by newspapers and any practices of those groups. The methodology used went through newspapers in a qualitative manner aiming at highlighting the most peculiar and general characteristics that they presented. Events that occurred in Brazil were generally problematized, and events in Porto Alegre were specifically approached, from the ‘associative culture’ perspective, which studies manifestations based on these relations with working societies.

Keywords: pro Sacco and Vanzetti committee, workers’ movement, porto alegre’s associations.

Introdução¹

No dia 7 de agosto de 1927, Porto Alegre experimentou dois comícios de trabalhadores em prol de Sacco e Vanzetti². Nesses eventos, as diversas ‘sociedades operárias’ da cidade se fizeram presentes. O cunho dos encontros era informar e protestar contra a

condenação de dois trabalhadores italianos anarquistas nos Estados Unidos da América.

Deste pequeno levantamento, foi possível identificar alguns elementos que se tornariam necessários a serem investigados para a melhor compreensão das intencionalidades e potencialidades (pre)vistas pelas lideranças operárias que programaram as manifestações. Então, quais são os grupos de operários que as compõem? Quais os espaços utilizados e quem

¹O título foi inspirado na publicação do Diário de Notícias de 10 de agosto de 1927. Este artigo faz parte das pesquisas de mestrado realizadas pelo primeiro autor e financiado pela CAPES..

²Os nomes são Nicola Sacco (1891-1927) e Bartolomeo Vanzetti (1888-1927).

foram os oradores? Enfim, como a imprensa operária e não operária tratam dos eventos³?

Os jornais aqui tratados foram distribuídos em três eixos, genericamente considerados como: 1) operários *O Syndicalista* e *A Plebe*; 2) não operários *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *Diário de Notícias*, *O Rebate* e o *Diário da Tarde*; e 3) partidário, *A Federação*. Da primeira linha, *O Syndicalista* é gaúcho e da Federação Operária do Rio Grande do Sul e *A Plebe* de publicação dos libertários paulistas. Os do segundo grupo se podem discriminar como folhas empresariais, sem ligações partidárias, porém com interesses financeiros em alcançar um grande público. Existem as publicidades que os alimenta economicamente, e há alguns posicionamentos que os simula como porta-vozes da burguesia. Já *A Federação* é o representante oficial do Partido Republicano Rio Grandense, o qual exerceu influência direta no governo durante todo o período da Primeira República no estado.

Em linhas gerais, este texto propôs um debate sobre os sujeitos que foram enquadrados em um perfil de serem ‘rememorados’, seja nas ações ou nos posicionamentos diante do movimento operário internacional nas agendas de atividades dos diversos grupos de trabalhadores porto-alegrenses. Quando, em um momento histórico em que o periódico *O Syndicalista* publicou um texto de título: *Louvor aos mártires da liberdade* (CARVALHO, 1928a, p. 2), havia, em várias partes do mundo, políticas e percepções distintas sobre ‘o que acontecia’ nos outros países. Por exemplo, na Itália se dava o desenvolvimento do fascismo, a União Soviética avançava em direção ao comunismo, e nos Estados Unidos da América (EUA) surgia a proposta do liberalismo econômico.

No Brasil, especialmente em Porto Alegre, os acontecimentos externos tiveram leituras diversas por parte dos distintos grupos que compuseram o movimento operário. Fatos ‘de repercussão mundial’ como a execução de Sacco e Vanzetti poderiam significar para alguns periódicos uma coisa diferente de outros. Neste sentido, um jornal que mantinha influência secundária nos trabalhadores é *A Federação* (COISAS..., 1927), que apresentou a imagem da dupla como ‘radicais’. Em contraposição, os libertários conceituaram os italianos como heróis, ou ainda, mártires. Logo, percebeu-se que houve a construção de líderes internacionais, e seus exemplos foram apresentados ao público operário como modelos de combatentes necessários para a luta de classes.

É aqui que Sacco e Vanzetti, dois italianos anarquistas que residiam nos EUA, foram enquadrados. Dessa maneira, o presente texto visou verificar quais as representações que esses militantes tiveram na imprensa brasileira, e em especial, na porto-alegrense. E mais, procurou-se vislumbrar quais as manifestações de apoio existentes na referida cidade.

Por exemplo, Sacco e Vanzetti tiveram os seus rostos estampados nos jornais do mundo inteiro. No Brasil, as publicações foram impulsionadas nos principais órgãos de comunicação, na mesma medida em que o dia da execução se aproximava e os recursos de defesa, que não funcionavam.



Figura 1. Bartolomeu Vanzetti e Nicolau Sacco.

Fonte: Lembrando... (1934, p. 1).

Nicolau Sacco era sapateiro e a sua origem era de Foggia, Itália. Emigrou para os EUA com 17 anos. Já Bartolomeu Vanzetti era peixeiro, nasceu em Cuneo, no mesmo país mediterrâneo e foi para os EUA com 20 anos. Ambos foram acusados de assaltarem e assassinarem a mão armada dois homens, Frederick Parmenter e Alessandro Berardelli. O primeiro era responsável por uma carga na folha de pagamento do governo e o segundo, um guarda da Companhia Slater-Morrill.

Dos supostos assaltos e assassinatos foram condenados. Disso resultou vários retardamentos da execução, o que levou o *Correio do Povo* a considerar essa sequência de adiamentos como “[...] prova de que existia dúvidas a respeito da culpa [...]” (*A CONDENAÇÃO...*, 1927a, p. 6). O certo foi que as provas não eram suficientes para incriminá-los. Então, a partir disso, criou-se uma atmosfera de medo e perseguição aliada ao fato de eles serem italianos. E nesse contexto, o preconceito étnico foi posto como influenciador do júri norte-americano. O juiz responsável, Thayer, não os declarou inocentes e fez cumprir a sentença em 23 de agosto de 1927, em Braintree, no estado de Massachusetts.

³Jornais não operários foram assim designados por causa da mesma utilização que Eliana Gasparini Xerri (1996), realizou em sua dissertação de mestrado.

Para se ter uma ideia da repercussão e da representação desses italianos, o periódico *Folha da Noite* apresentou Vanzetti como homem de muita calma e tranquilidade nos momentos anteriores a sua execução. De acordo com o periódico, ele cumprimentou todos os guardas responsáveis pela sua pena e, após isso, pronunciou as últimas palavras: “[...] eu me esquecerei daquilo que me fizeram...” (SACCO..., 1927, 23 ago., p. 1).

Por outro lado, existiram aqueles que os ilustraram como modelos das injustiças ‘burguesas’, condenados por algo que não cometeram. Ou ainda, que ‘se’ infringiram alguma lei, foi por necessidade. Assim, a “[...] história da Liberdade verifica-se sobre um rastilho de mártires” (CARVALHO, 1928a, p. 2). Portanto, foi necessário observar esse evento e as manifestações existentes em Porto Alegre através de dois aspectos: 1) o associativismo como fenômeno de organização de agendas de manifestações; e 2) a solidariedade de classe.

Os trabalhadores, por meio das sociedades operárias, voltaram o foco para a condenação e execução de Sacco e Vanzetti. E a partir do episódio, lhes foi possível apresentar um exemplo concreto das injustiças sociais e das perseguições políticas ocorridas pelo mundo. A união desses operários foi fundamental para expressar a força e a capacidade organizativa da classe trabalhadora. Ainda mais, por existirem as convocações de um órgão central, no caso, a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS) e o acolhimento das filiadas e vizinhas a ela.

No mundo associativo, tornou-se possível perceber que, apesar de estarem no mesmo lado na luta de classes, existiam rivalidades que superavam em determinados momentos a solidariedade. Logo, foi necessário identificar as relações com os diversos grupos existentes, sejam anarquistas, trabalhistas e/ou comunistas. Então, dentro da lógica de ‘fazer-se’ da classe operária porto-alegrense, a FORGS e as lideranças articularam-se e criaram uma espécie de cultura associativa. Aqui, cultura foi tratada com a cautela enunciada por E. P. Thompson (1998, p. 22), que afirmou ser cultura

[...] um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas.

Nesta lógica, pensou-se que os trabalhadores possuíam limitações estruturais, assim como ‘heranças’ de outras formas de percepção de realidade. Suriano (2001), ao estudar o movimento anarquista em Buenos Aires entre os anos 1890 e 1910, problematizando o conceito de ‘cultura política’, ponderou que, na verdade, existiu uma

espécie de mosaico ‘cultural’, em que cada maneira de pensar somava-se e completava a grande forma de reflexão apresentada pelos libertários daquela cidade (SURIANO, 2001).

Com isso, o autor não omitiu a responsabilidade das lideranças de articularem a esse fator a ‘intencionalidade’ de suas ações. Neste sentido, as manifestações aqui tratadas foram pensadas como um dos componentes da agenda de atividades dos operários. Então, passara-se a pensar na forma de tratar ‘cultura operária’ como um campo de discussão, e não “[...] propriamente como um conceito” (BATALHA et. al., 2004, p. 12). Desse modo, esses eventos marcaram a experiência de classe, fortalecendo a sua identidade.

No entanto, a partir das evidências, foi possível destacar a existência da troca de ideias, textos e manifestações que não se limitavam a fronteiras nacionais. Os ‘espaços’ e o(s) ‘lugar(es)’ das atividades foram problematizadas, levando em consideração que as instituições de representação operária se fizeram nos planos centrais, seja como organizadores, divulgadores ou participantes efetivos. Isso encontrou sentido nos seguintes dizeres, os quais afirmavam que “[...] as expressões mais visíveis e mais estruturadas das parcelas organizadas do operariado são precisamente as instituições por elas criadas” (BATALHA, 1997, p. 92).

Portanto, respeitou-se esse potencial das ‘sociedades operárias’ e dos seus periódicos. E mais, cruzaram-se as informações neles contidos com as de jornais não operários, o que significou elencar os de cunho empresarial ou partidário. Foi a partir das instituições ‘feitas por’ e ‘para’ os trabalhadores que este artigo acabou sendo produzido. A opção foi a de não excluir os demais periódicos que abordassem a temática, porém foi da classe que obtivemos maiores descrições a respeito dos eventos.

A solidariedade de classe, por ser um elemento tipicamente proletário, ficou evidenciada em todos os números consultados d’O *Syndicalista*. Porém, foram nos momentos de maior tensão que houve a chamada para demonstração pública dessa força em potencial. Assim, a FORGS

[...] desenvolve um importante papel quando se trata de assumir publicamente não apenas os escritos, mas também a representação de alguma reivindicação pública tanto do conjunto dos trabalhadores quanto de alguma categoria. Esta é, a meu ver, a principal função da FORGS junto às entidades filiadas (BILHÃO, 1999, p. 76).

A partir destas reflexões, destacamos dois momentos de abordagem do tema. O primeiro trata da narrativa contida nos jornais e alguns exemplos de

manifestações pelo mundo. Visou-se identificar alguns elementos externos a Porto Alegre, para posteriormente compará-los, enquanto ação de grupos. Posteriormente, foi realizado o levantamento dos comícios e das práticas realizadas na referida cidade. O objetivo central foi, em linhas gerais, perceber quais foram os espaços, as práticas e os grupos que tornaram possíveis esses eventos.

A narrativa: esboços sobre os caracteres e a condenação

“Nunca procure a riqueza, pois o ouro não traz consigo felicidade” (SACCO, 1927, 22 ago., p. 1)⁴.

A repercussão tomou proporções internacionais. E, no Brasil, até os jornais não operários publicaram informes a respeito ‘de como tudo aconteceu’. Assim, o processo, a acusação, a penitência e a execução virariam primeira página de vários jornais. Na *Folha da Manhã*, foram expostas algumas ações nas diversas cidades que experimentaram as manifestações de solidariedade para com Sacco e Vanzetti. Dentre elas, a *Folha* lista Paris, Londres, Boston, Buenos Aires e São Paulo.

A *Folha da Manhã* realizou uma espécie de cobertura dos últimos momentos de vida de Sacco e Vanzetti. Em tom fúnebre, foi possível evidenciar certas particularidades do evento, tais como a publicação de que

[...] tanto Sacco como Vanzetti negaram-se, terminantemente, a receber os sacramentos, declarando, ambos, que desejavam morrer como tinham vivido, fora da Igreja (SACCO, 1927, 22 ago., p. 1).

Em suma, foi curioso que um jornal considerado ‘conservador’ tenha se posicionado de forma um tanto complacente para com os dois italianos. No entanto, proferiram, como nota introdutória, a ‘cobertura’:

Sacco e Vanzetti foram eletrocutados! Aos vinte e cinco minutos depois da meia-noite, o carrasco executou, profissionalmente, a última sentença das mais agitadas que o mundo civilizado tem assistido. Os rogos, as ameaças, as greves, os petardos que explodiram em todo mundo deviam ter trazido ao senso comum da realidade, a consciência insensível, na surdez de um lamentável equívoco dos juizes de Massachussets. Culpados ou não nada se provou de definitivo que pudesse levar a essa decisão irrevogável. A inculpabilidade, mais patente no processo contraditório, cheio de testemunhos dúbios, e o atentado que ia cometer e ‘se cometeu’, num mais que provável erro judiciário, trouxeram para os dois condenados as

simpatias irreprimíveis de quase toda a humanidade.

A repugnância do capitalismo venceu. Os dois operários eram anarquistas. Se faziam bem ou mal não se comenta. O que é certo é que pensavam e agiam dentro das convicções, quiçá sinceramente.

Sacco e Vanzetti! (CONSUMOU-SE..., 1927, p. 1, grifo do autor).

Nesta síntese articulada e posicionada, ficou evidente que realmente houve a comoção internacional quanto ao episódio. E apesar das várias tentativas dos diversos grupos que se posicionaram pró-Sacco e Vanzetti, o júri norte-americano foi irredutível, executando-os. Outra surpresa esclarecedora foi o posicionamento ideológico publicado pelo jornal, o qual os considerou anarquistas, mas nem por isso os condenou.

O periódico acreano não operário *O Rebate* pontuou que

[...] o governador do Estado de Boston, recebeu uma petição internacional de meia milha de comprimento e contendo meio milhão de assinaturas, solicitando a revisão do processo contra Sacco e Vanzetti (DOS JORNAIS, 1927, p. 2).

Ainda existiu o destaque para pontuar que “[...] entre os signatários figuram pessoas pertencentes a todas as classes sociais de todos os países do mundo” (DOS JORNAIS, 1927, p. 2).

Logo, percebeu-se que o movimento operário organizado internacionalmente⁵ conseguiu formar uma grande rede de solidariedade em favor dos dois italianos, porém não foi suficiente, pois eles foram executados. Desse modo, um periódico curitibano afirmou, a partir de notícias recebidas de Boston, que

[...] a agitação proletária em favor dos acusados, não só nos Estados Unidos, como em todo o mundo, segundo notícias que se tem recebido, se torna, cada dia, mais intensa (UM FORMIDÁVEL..., 1927, p. 1).

A *Folha da Manhã* pontuou que houve greve geral em São Paulo “[...] como sinal de protesto pela confirmação da sentença de eletrocussão dos anarquistas Sacco e Vanzetti” (CONSUMOU-SE..., 1927, p. 1). E o caráter dado pelo jornal foi de que as greves eram pacíficas, mas que, mesmo assim, a polícia se encontrou “[...] de sobreaviso” (p. 1). Enquanto que, em Santos, teve, no dia da execução,

[...] seu momento de agitação, quando, à hora do almoço, um ‘comitê’ organizado à última hora, de operários, andou percorrendo fábricas e obras, pedindo que o trabalho ali fosse cessado, em sinal de protesto contra a condenação daqueles infelizes italianos (p. 1).

⁴ Segundo a *Folha da Manhã*, estes dizeres foram pronunciados por Sacco ao seu filho antes de sua morte.

⁵ Na verdade, faltam indícios para afirmar que esse movimento era organizado internacionalmente, mas os que existem são o suficiente para perceber que as localidades estruturaram-se, compondo o cenário maior.

Outro grande polo do movimento operário brasileiro, o Rio de Janeiro, experimentou uma paralisação geral no mesmo dia. Conforme o recorte do editorial de um jornal local, o *Correio do Povo*, publicou, “[...] a força de cavalaria [...] atacou uma passeata de operários pacíficos, em protesto contra a execução de Sacco e Vanzetti” (A CONDENAÇÃO..., 1927e, p. 3). As impressões giraram em torno de qual tratamento deveria ser dado às manifestações de tal porte, de magnitude mundial, envolvendo as diversas classes de trabalhadores e as inúmeras correntes ideológicas que compõem o movimento operário. Afinal, a execução mexeu com os ânimos das pessoas dos diversos ofícios pelos países do mundo. Assim,

Essa condenação provocou nos Estados Unidos, como em quase todos os países, um movimento em favor do indulto ou da comutação da pena capital que está imposta aos dois italianos. E essas manifestações, que expressavam o sentimento generalizado entre a classe laboriosa e em muitas entidades desligadas das tendências extremistas, vinham se exteriorizando desde que começou a ventilar-se a causa e tem vindo adquirindo, depois do laudo daquele governador e motivado pela revisão realizada por ele, uma intensidade que se aprofunda e estende à medida que se aproxima a data fatal (EM TORNO..., 1927f, p. 18).

Mesmo não sendo objetivo deste trabalho aprofundar e identificar as tais ‘tendências extremistas’, frisou-se que provavelmente as referências foram feitas aos anarquistas. A imprensa apontava que, em muitos momentos, eles eram acusados de jogarem dinamites e explosivos em prédios e até pessoas. Então, a partir dos contatos existentes entre os diversos grupos de trabalhadores de todo o mundo, foi possível verificar a existência de uma grande rede de solidariedade pró-Sacco e Vanzetti.

Os comícios em Porto Alegre

Deve terminar hoje a longa e dolorosa agonia de Sacco e Vanzetti. Tudo está pronto para o sacrifício supremo. Assim, os dois infelizes que, durante mais de sete anos, preocuparam a atenção do mundo inteiro, não terão mais trabalho que o de sentarem na cadeira fúnebre. A espera de que pelos seus corpos passem, num arripio rápido, as carícias mortais das correntes elétricas (SACCO..., 1927, 22 ago., p. 1).

As manifestações de solidariedade aos italianos chegam a Porto Alegre e interessa saber quais os lugares, líderes e grupos que participam ativamente desses atos. Os libertários utilizaram o evento traumático para fins pedagógicos, relacionando-o à “[...] luta milenária e gigantesca entre a barbárie e a civilização [...]” (CARVALHO, 1928a, p. 2), na qual se têm

[...] as odisséias dos heróis singulares e das multidões insubmissas em atitudes soberbas, em projeções fulgurantes, que marcam com caracteres indelévels, nessa epopeia sem par, os sulcos profundos das realizações gloriosas.

Sacco e Vanzetti sofreram, foram julgados e condenados. Eles enfrentaram aqueles que “[...] impelem o mundo para superiores destinos” (CARVALHO, 1928a, p. 2). Mas, como eles, existiram outros combatentes exemplares, tais como os que lutaram na *Comuna de Paris* (1871), ou ainda, os mártires de Chicago (1886), ou então, Francisco Ferrer y Guardia, assassinado em 1909. Cada evento, na soma geral, transmitiu um ensinamento aos libertários porto-alegrenses: a luta de classes.

Foram a diferença social, as posições ideológicas que fizeram com que existissem estes mártires. Os oprimidos contra os opressores. Sendo os primeiros os trabalhadores e os segundos os patrões, governantes; em suma, os capitalistas burgueses e seus sustentadores. E a idealização em torno de Sacco e Vanzetti foi valorada com a afirmativa de que foram

[...] dois beneméritos cultores do trabalho, humildes pela sua condição social, grandes porém, pelo seus aquilatados sentimentos de justiça, pelos sonhos de liberdade (CARVALHO, 1928a, p. 2).



Figura 2. Fachada da prisão onde Sacco e Vanzetti ficaram presos durante 7 anos (Boston, 1920-1927).
Fonte: O trágico epílogo... (1927g).

As imagens publicadas apresentam as faces dos italianos, como também foram publicados os retratos do governador Alvan Fuller e do juiz Webster Thayer. Assim como na imagem acima, na qual a penitenciária foi exibida para ilustrar um pouco do drama experimentado pela dupla anarquista, os mártires eram figurados, apresentados e ovacionados. E mais, os redatores d'O *Syndicalista* escrevem a seguinte

mensagem: “[...] o vosso exemplo é o mais sólido pedestal das afirmações revolucionárias, a coluna inabalável do edifício social dos homens livres” (CARVALHO, 1928b, p. 3). Então, identificou-se que a legitimação do ato se dá a partir das seguintes premissas:

Verificou-se, entretanto, que, apesar dos infinitos processos de domesticação e degeneração das classes populares, empregados pelas castas dirigentes, nem tudo estava perdido para a grande causa social. Os fatos demonstraram que ainda havia homens, que ainda restavam multidões capazes de verterem seu sangue generoso em defesa do Direito.

E os massacres, as execuções dos campeões rebeldes, tiveram sua balada universal de protestos, as suas salvas de pólvora e de dinamite, o surto épico das barricadas revolucionárias. Acima de tudo, tiveram a virtude de emocionar o povo, de arrancar lágrimas às multidões empolgadas pelo alcance das tragédias (CARVALHO, 1928b, p. 3).

Eles conseguiram suscitar estes sentimentos porque foram

[...] dois trabalhadores que também cometeram o ‘crime’ de pensar nas desgraças morais e físicas de que são causadores todos os privilégios burgueses da sociedade atual (AOS TRABALHADORES..., 1926a, p. 1).

Para O *Syndicalista*, a principal causa da execução da dupla italiana foi o fato de serem considerados anarquistas. Porém, a resposta dos operários se deu em nível internacional, quando

[...] mais uma vez os trabalhadores organizados de todo o mundo fizeram com todas as suas forças os seus protestos, demonstrando incontestavelmente a inocência de Sacco e Vanzetti no crime de que eram acusados (AOS TRABALHADORES..., 1926a, p. 1).

Com estas reflexões, a FORGS convocou as manifestações. Já que ela

[...] lança pois, o seu apelo a todos os trabalhadores para que venham protestar unidos, juntos como se fossem um só homem, contra essa clamorosa injustiça de que serão vítimas os operários Sacco e Vanzetti se os protestos internacionais dos trabalhadores não forem decisivos e positivos (AOS TRABALHADORES..., 1926b, p. 2).

Desse modo,

A Federação Operária, realizará, domingo, 18 do corrente, às 4 horas da tarde um comício de protesto contra a condenação de Sacco e Vanzetti, à Praça da Alfândega (AOS TRABALHADORES..., 1926b, p. 2).

As notícias e os apelos não pararam por aí. Com a chamada de título “[...] aos trabalhadores do mundo inteiro: protesto contra a condenação de Sacco e

Vanzetti” (AOS TRABALHADORES..., 1926c, p. 3), esta convocatória foi exposta por considerarem que, em Porto Alegre, existiam “trabalhadores conscientes e de homens que” lutariam “[...] pelo bem estar da existência humana [...]” (AOS TRABALHADORES, 1926d, p. 4). Na verdade, a luta foi proposta contra a forma de percepção de justiça existente no período.

Para esse jornal,

[...] a justiça Norte-americana, agindo, cegamente, neste século de luz, tenta com o véu negro da falsidade e da calúnia, cobrir estes dois trabalhadores honrados, cujo único crime é proclamar bem alto os nossos direitos conculcados pela bota da tirania dos ladrões da riqueza social (AOS TRABALHADORES..., 1926d, p. 4).

Aqueles que foram os alvos dos protestos eram considerados os inimigos dos “[...] produtores de todos os recantos da terra [...]”, os quais “[...] estão sendo neste momento solene, desafiados pela plutocracia norte-americana” (AOS TRABALHADORES..., 1926d, p. 4).

Fenomenalmente, esta série de manifestações foi apresentada ainda como “[...] uma das batalhas mais grandes, que tem registrado a história do proletariado revolucionário internacional” (AOS TRABALHADORES..., 1926d, p. 4). E assim, a nota que noticia os comícios em Porto Alegre iniciou-se do seguinte modo: “[...] realizaram-se, anteontem, nesta capital, dois comícios de protesto contra a sentença condenatória de Sacco e Vanzetti”, sendo que “[...] o primeiro desses comícios realizou-se às 15 horas, à rua Coronel Bordini, em frente ao Cinema Orpheu”, contando com a presença de “[...] grande massa popular, constituída em sua maioria de operários de todos os ofícios” (COMÍCIOS POPULARES..., 1927b, p. 1).

Aqui foi possível identificar a citação da menção de que o público participante abrange ‘todos os ofícios’. Dessa maneira, houve o comparecimento dos representantes da agremiação *Braço e Cérebro*, do *Sindicato de Alfaiates e Costureiras*, do *Sindicato da Construção Civil*, do *Sindicato Padeiral*, do *Sindicato dos Canteiros e classes anexas*, e do *Grêmio Artístico Arte e Natura*. Nesse sentido, ainda enviaram representação da *União Beneficente* de Santo Ângelo, da *Liga dos Operários Republicanos*, do *Partido Trabalhista*, do *Sindicato dos Sapateiros*, além do *Sindicato dos Vidraceiros*. O resultado parece ser um *Comitê de Agitação Pró-Sacco e Vanzetti* da *Federação Operária* que lançou “[...] o seu protesto contra esse hediondo ataque que é um verdadeiro atentado á civilização de todos os povos” (COMÍCIO EM..., 1927a, p. 1).

Além de que, houve paralisação, uma espécie de greve solidária para marcar a data a todos que vivessem nos ambientes de trabalho. Logo, a atitude dos operários

[...] em sinal de respeito de protesto pela condenação de Sacco e Vanzetti, resolveram, ontem, não trabalhar várias classes de operários. Entre estes figurava uma grande parte dos canteiros, padeiros, alfaiates e costureiras, pedreiros em construção civil e metalúrgicos (A CONDENAÇÃO..., 1927b, p. 5).

Próximos e atentos, encontravam-se os funcionários do Consulado dos Estados Unidos da cidade, e o governo do Estado também, já que o estabelecimento “[...] esteve acautelado por praças da Brigada Militar” (A EXECUÇÃO..., 1927c, p. 4). Fato que apareceu com maior prudência já na próxima edição, a qual mencionou que “uma força composta de cinco praças da Brigada Militar e que, há quatro dias, está guarnecendo as imediações” (A CONDENAÇÃO..., 1927d, p. 4).

Foi possível constatar quais foram os ‘espaços’ ocupados por esses manifestantes. Por exemplo, “[...] o primeiro desses comícios realizou-se às 15 horas, à rua Coronel Bordini, em frente ao Cinema Orpheu” (COMÍCIOS POPULARES..., 1927b, p. 1). Já com o passar dos pronunciamentos,

[...] todos os oradores em seus discursos historiaram o processo a que foram submetidos Sacco e Vanzetti, taxando de injusta a sentença que os condenou a morte – e condenaram os operários do R. G. do Sul a se unirem em protesto coletivo, contra a aplicação da referida pena (COMÍCIOS POPULARES, 1927b, p. 1).

Outro lugar de concentração foi o largo Montevideu. Identificou-se de imediato esta localidade como estratégica, já que ela ficava “[...] em frente ao palácio da municipalidade” (COMÍCIO EM..., 1927a). E dando série aos protestos, houve ainda um às 16 horas do dia 9 de agosto de 1927 na praça Senador Florêncio. A ocupação das praças e dos lugares públicos foi uma forma de demonstrarem a força dos trabalhadores. Além disso, a união deles foi o indicativo de que existia uma solidariedade internacional atualizada, em que os eventos eram compartilhados e confrontados entre os operários do mundo inteiro.

Das lideranças que realizaram discursos, podem-se destacar alguns, entre eles: Maurício Feldmann; Orlando Martins (Braço e Cérebro); Alzira Verkhauser (Sindicato de Alfaiates e Costureiras); Francisco Grecco (Sindicato da Construção Civil); Victor F. da Silva (Sindicato Padeiral); Abílio Santos

(Sindicato dos Canteiros e classes anexas) (Grêmio Artístico Arte e Natura) (COMÍCIO EM..., 1927a). Quanto ao inimigo, foi possível evidenciar que os redatores d'O *Syndicalista* consideravam os Estados Unidos como percursores do “[...] imperialismo absorvente [...]” (YAGO, 1927a, p. 5), como também dos malefícios do “[...] capitalismo triunfante daquela nação poderosa”.

Entretanto,

[...] se os Estados Unidos historicamente constituem uma das nações mais jovens intelectualmente e uma das mais velhas ou quando menos das menos evolucionadas em pleno século XX, a democracia norte-americana permanece fiel à teocracia puritana (YAGO, 1927a, p. 5).

Pois a condenação dos dois italianos fere a liberdade deles de serem libertários. E assim,

[...] o proletariado universal sabe que Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti não são assassinos; a burguesia do mundo inteiro sabe que Sacco e Vanzetti são Anarquistas, e a Justiça Yanké sabe que Sacco e Vanzetti são inocentes (SACCO..., 1927b, p. 7).

Desse modo,

[...] os trabalhadores em geral e os anarquistas em particular terão que protestar com todas as suas forças para impedir o bárbaro crime tramado pela plutocracia Yanké (SACCO..., 1927b, p. 7).

Essa luta toda serviu como tentativa de legitimá-los como figuras internacionais “[...] inocentes e muito inocentes” (SACCO..., 1927c, p. 8). Isso tudo contra a intolerância e perseguição da burguesia.

Mas, muitas vezes, os ‘inimigos’ estiveram no interior do movimento operário. Então, contra os rivais que aderiram a outras correntes ideológicas, existiram os que compuseram o Partido Comunista Brasileiro (PCB), os quais enviaram um delegado para dialogar com os anarquistas. Assim, ficou registrado no jornal: “[...] o ‘Partido’ resolveu, tomar parte ativa na agitação Pró Sacco-Vanzetti, portanto, eles queriam colaborar com os anarquistas neste caso” (RESUMO..., 1927d, p. 3, grifo do autor).

A resposta foi imediata, e somando as divergências internacionais existentes entre anarquistas e comunistas, obtiveram, os comunistas, retorno negativo. Já que os libertários,

[...] depois de considerar-se a proposta, o Comitê de Agitação Pró Sacco e Vanzetti, resolveu, não aceitar a colaboração do ‘Partido Comunista’ em vista, que eles apoiam diretamente ou indiretamente a um governo que martiriza a dezenas de revolucionários, inclusive anarquistas (RESUMO..., 1927d, p. 3).

Caso contrário à participação que tiveram os trabalhistas nessas ações. Em relação a eles, não

foram encontrados vestígios da rejeição por parte dos libertários porto-alegrenses neste caso.

Esse acontecimento demonstrou a existência real da rivalidade entre aqueles trabalhadores organizados. A rejeição do apoio comunista foi um indicativo da relação tumultuosa que viveram tais anarquistas com os integrantes do PCB. Porém, não foi possível vislumbrar o alcance e a consolidação de um público libertário, já que os anúncios possuíam o indicativo de que todos os trabalhadores participariam das manifestações.

Aqui seria necessário gerar uma reflexão a respeito da presença autônoma dos sujeitos e da participação enquanto coletivo consolidado, o que não foi feito por falta de espaço e por não ser o objetivo central deste artigo. De todo modo, foi importante salientar que os trabalhadores se ‘fizeram ouvir’ quanto ao conjunto de manifestações internacionais pró-Sacco e Vanzetti. Estes, através da FORGS, criaram uma agenda de atividades que davam conta de informar, formar, denunciar e propagandear o movimento operário.

A ocupação dos espaços públicos visou atingir esses objetivos; afinal, todo o povo deveria saber o que acontecia nos EUA, além de instruir-se para lutar contra a opressão que os operários de todos os lugares experimentavam. Em Porto Alegre, o cunho das atividades teve esse sentido.

Considerações finais

Inicialmente, aproveitou-se para articular nestas linhas um breve ensaio sobre as ações e reações da imprensa operária e não operária brasileira, especialmente a porto-alegrense. Porém, observou-se um espaço mais dinâmico de comunicação, onde a falta de espaço não permitiu relacioná-las com as conjunturas mais específicas, ou ainda, com as solidariedades e rivalidades existentes entre as correntes ideológicas internacionais.

Mas mesmo com estes limites expostos, percebeu-se que a execução da dupla italiana anarquista Sacco e Vanzetti agitou a imprensa internacional. O que implicou não apenas o ato de relatar o que acontecia nos EUA, mas também o que os periódicos operários criavam como distanciamento dos demais. E este fator tornou-se evidência após serem pontuadas as relações didáticas dadas ao acontecimento.

Já os trabalhadores porto-alegrenses organizados em ‘sociedades operárias’ não se limitaram a publicar. Eles articularam uma série de manifestações públicas solidárias à dupla italiana. Desse modo, surgiram os comícios e um Comitê

Pró-Sacco e Vanzetti, como também muitas linhas com escritos a respeito da condenação deles. Esse Comitê se tornou o organizador em nome da Federação Operária do Rio Grande do Sul dos comícios ocorridos pela cidade.

Portanto, os espaços utilizados e os principais líderes a realizarem discursos estavam diretamente ligados às associações operárias. Ou ainda, houve a tentativa de algum partido político se fazer presente nas manifestações, tais como o Partido Trabalhista e o Partido Comunista. Porém, a pretensa maioria, pelo menos dos oradores, os quais são mais fáceis de identificar, estavam associados a uma organização classista. E da diversidade de ramos de ofício que se fizeram presentes, constatou-se que essa pluralidade encontrou vários locais para ocuparem, difundirem e denunciarem o que ocorria nos EUA.

A imprensa operária tratou o tema como um modelo pedagógico, estratégico para ensinar aos demais operários a diferença social por meio da dualidade: oprimido x opressor. Neste exemplo, Sacco e Vanzetti protagonizaram a figura dos oprimidos. Foram colocados como trabalhadores, humildes e estudiosos preocupados com o bem-estar social. Já o juiz, o governador e alguns outros capitalistas foram os opressores por condenar os italianos por um crime cujos indícios eram insuficientes para puni-los. Logo, as praças, a frente da prefeitura e algumas ruas viraram palco dos comícios operários voltados para o caso e para a classe.

A partir da metodologia utilizada, que foi cobrir os jornais de forma qualitativa, tentando destacar as características mais peculiares e gerais por eles apresentados, encontrou-se dificuldade pelo fato de conterem muitas páginas, como capa dos periódicos e com notícias de várias cidades estrangeiras. Porém, se a síntese foi complexa, já a problematização sofreu com o excesso de informações, mas também com a facilitação delas, sendo então possível cruzar alguns exemplos de ocorrências.

Enfim, o associativismo norteou as organizações das manifestações. As sociedades operárias através das lideranças comandaram os comícios, as programações e as publicações no jornal *O Sindicalista*. Já a imprensa não operária não se preocupou com a instrução dos seus leitores, mas, sim, em apontar os acontecimentos, como evidenciam as leituras até aqui realizadas. Em suma, essa imprensa apresentou um lado ‘radical’ de alguns manifestantes, exemplos que não foram tratados aqui. Neste artigo, a preferência foi perceber as narrativas a respeito da condenação e disso chegou-se à conclusão de que

exaltaram as manifestações pacíficas dos trabalhadores de vários lugares, em detrimento da publicação dos atos violentos.

Referências

A CONDENAÇÃO de Sacco e Vanzetti. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 5 de agosto de 1927a, p. 6.

A CONDENAÇÃO à morte de Sacco e Vanzetti. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 5 de agosto de 1927b, p. 5.

A EXECUÇÃO de Sacco e Vanzetti. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 de agosto de 1927c, p. 4.

A CONDENAÇÃO de Sacco e Vanzetti. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 12 de agosto de 1927d, p. 4.

A CONDENAÇÃO de Sacco e Vanzetti. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 13 de agosto de 1927e, p. 3.

AOS TRABALHADORES. Por Sacco e Vanzetti urge um protesto decisivo. **O Syndicalista**, Porto Alegre, 15 de julho de 1926a, p. 1.

AOS TRABALHADORES. Por Sacco e Vanzetti urge um protesto decisivo. **O Syndicalista**, Porto Alegre, 15 de julho de 1926b, p. 2.

AOS TRABALHADORES do mundo inteiro. Protesto contra a condenação de Sacco e Vanzetti. **O Syndicalista**, Porto Alegre, 25 de novembro de 1926c, p. 3.

AOS TRABALHADORES do mundo inteiro. Protesto contra a condenação de Sacco e Vanzetti. **O Syndicalista**, Porto Alegre, 25 de novembro de 1926d, p. 4.

BATALHA, C. H. M. **Vida associativa**: por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário. Anos 90. Porto Alegre: Editora, 1997. (n. 8, dezembro)

BATALHA, C. H. M.; SILVA, F. T.; FORTES, A. **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Unicamp, 2004.

BILHÃO, I. **Rivalidades e solidariedades no movimento operário**: Porto Alegre 1906-1911. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

CARVALHO, F. Louvor aos mártires da Liberdade. **O Syndicalista**, Porto Alegre, maio de 1928a, p. 2.

CARVALHO, F. Louvor aos mártires da Liberdade. **O Syndicalista**, Porto Alegre, maio de 1928b, p. 3.

COISAS da metrópole. Anarquismo e oposicionismo a Lei Annibal Toledo – O Caso Sacco e Vanzetti. **A Federação**. Porto Alegre, 19 de agosto de 1927, p. 1.

COMÍCIO EM protesto contra a condenação de Sacco e Vanzetti. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 10 de agosto de 1927a.

COMÍCIOS POPULARES em protesto contra a condenação de Sacco e Vanzetti. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 9 de agosto de 1927b, p. 1.

CONSUMOU-SE o martírio. **Folha da Manhã**, São Paulo, 23 de agosto de 1927, p. 1.

DOS JORNAIS. **O Rebate**, Cruzeiro do Sul, Acre, 1 de setembro de 1927, p. 2.

EM TORNO do famoso processo sacco-vanzetti. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 de agosto de 1927f, p. 18.

LEMBRANDO um crime social: Sacco e Vanzetti. **A Plebe**, São Paulo, 18 de agosto de 1934, p. 1.

O TRÁGICO epílogo do processo Sacco-Vanzetti. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 25 de agosto de 1927g, p. 1.

RESUMO dos Trabalhos do 'Comitê de Agitação Pró Sacco e Vanzetti' – Porto Alegre. **O Syndicalista**, Porto Alegre, 15 de novembro de 1927d, p. 3.

SACCO e Vanzetti. **Folha da Manhã**, São Paulo, 22 de agosto de 1927, p. 1.

SACCO e Vanzetti. **Folha da Noite**, São Paulo, 23 de agosto de 1927, p. 1.

SACCO e Vanzetti são inocentes. **O Syndicalista**, Porto Alegre, 1 de maio de 1927b, p. 7.

SACCO e Vanzetti são inocentes. **O Syndicalista**, Porto Alegre, 1 de maio de 1927c, p. 8.

SURIANO, J. **Anarquistas**: cultura y política libertaria en Buenos Aires (1890 – 1910). Buenos Aires: Ediciones Manantial SRL, 2001.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UM FORMIDÁVEL movimento em favor dos anarquistas Sacco e Vanzetti. **Diário da Tarde**, Curitiba, 20 de abril de 1927, p. 1.

XERRI, E. G. **Uma incursão ao movimento operário de Rio Grande no início do século XX**. 1996. 154f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

YAGO. A democracia Yanké. **O Syndicalista**, Porto Alegre, 1 de maio de 1927a, p. 5.

Received on May 28, 2015.

Accepted on August 13, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.